



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB  
INSTITUTO DE LETRAS - IL  
BACHARELADO EM LETRAS FRANCÊS**

**O sentimento de culpa, contextualizado no catolicismo, e sua consequência  
nos personagens Donissan e Mouchette no romance *Sob o Sol de Satã*, de  
George Bernanos**

**GABRIEL NEVES DA CRUZ**

**ORIENTADOR: PROF. DR. DANIEL TEIXEIRA**

**Brasília - DF**

**2023**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB  
INSTITUTO DE LETRAS - IL  
BACHARELADO EM LETRAS FRANCÊS**

**O sentimento de culpa, contextualizado no catolicismo, e sua consequência nos personagens Donissan e Mouchette no romance *Sob o Sol de Satã*, de George Bernanos**

**GABRIEL NEVES DA CRUZ**

Trabalho apresentado ao Instituto de Letras da Universidade de Brasília,  
como requisito para obtenção do grau de bacharel em Letras Francês.

**ORIENTADOR: PROF. DR. DANIEL TEIXEIRA**

**Brasília - DF**

**2023**

“A santidade, como todas as coisas deste mundo, só se pode ver de fora; o reverso da medalha é desagradável e feio” (BERNANOS, 2010, p. 310)

## **Introdução**

No presente trabalho, apresentarei uma crítica literária psicanalítica da obra pertencente à literatura francesa *Sob o Sol de Satã*, de Georges Bernanos, escrito no período entreguerras e publicado no ano de 1926. O livro aborda uma temática metafísica no contexto religioso do catolicismo em que a angústia e o sofrimento são analisados de maneira pragmática na vida de seus personagens.

O artigo está dividido em três partes. A primeira aborda a contextualização ampla em que o livro está inserido, dando ênfase na ligação de seu autor com a religião católica e como esta se encontra inserida na literatura. A segunda parte é a apresentação do enredo do livro, com o foco nos dois personagens principais, Mouchette e Donissan, e o meio em que estão inseridos que os fazem confrontar a própria existência. A terceira parte, por fim, é o desenvolvimento central da proposta da crítica em que é identificado e analisado o sentimento de culpa percebido como temática central do livro e como este desencadeia os acontecimentos e reflexões nos personagens, de acordo com o contexto em que são apresentados.

O objetivo desta crítica é refletir se, de acordo com a história criada por Bernanos, podemos chegar a uma conclusão a respeito da pedagogia de culpa aos quais os personagens se encontram, se a culpabilidade acrescenta ou atrapalha no caminho ambicionado pelos cristãos ao alcance da santidade e se a presença ativa dentro da religião católica agrega ou dificulta nos combates espirituais oriundos do processo de autoconhecimento inerente à vida.

## **Georges Bernanos, católico autor, concorde do sofrimento**

Em paralelismo com a literatura contemporânea comentada ativamente pelo grande público e estudada nas universidades, existiu o que se chama de *Romance Católico* (LIGNANI, 2020, p. 238). Essa coincidência de temáticas agrupadas em uma mesma época foi camuflada

pelo grande ensino literário, não sendo estudada como um movimento artístico, fadada ao limbo do desconhecido e ignorada por muitos estudiosos da literatura.

Esse movimento, que teve contribuições de François Mauriac, Georges Bernanos, Julien Green, dentre outros, tem uma presença mais expressiva no período pós-Primeira Guerra com uma literatura mais introspectiva voltada para o sofrimento do ser, com as angústias e tormentos da época:

No início do século XX, o mundo era tomado por um sentimento de angústia gerado pelo pós-guerra (Primeira Guerra Mundial), era preciso reconstruir não apenas o material, mas, sobretudo, o espiritual. Nesta época, a maioria dos países se defrontou com um período de crises, cuja consequência foi o radicalismo e a violência. A literatura não podia ficar alheia a estes acontecimentos (*Ibidem*, p. 29).

Apesar dessa manifestação de temas em comum não ser considerada uma corrente literária paralela ao Modernismo, foi tida por alguns como uma resposta dos mais tradicionalistas ao Modernismo contra um projeto de modernização da linguagem e de ideias vanguardistas e por outros como uma continuação do projeto Modernista (PORTO, 2009, p. 42).

É, de fato, curioso que em um período como o início do século XX, anterior ao Concílio Vaticano II, de alta secularização e transformação de ordem moral, o catolicismo tenha marcado a literatura, que, como observa Ivanaldo Santos: “enquanto produção humana e artística, não tem uma vinculação oficial com uma religião ou uma corrente teológica” (2017, p. 187). Para a indagação do porquê a catolicidade aparece na literatura nesse período específico, Porto explica que:

A religião foi, para alguns, um refúgio ante a ruína dos valores morais após a Primeira Guerra Mundial. O catolicismo conheceu, então, uma renovação que se traduz por um grande número de conversões em toda sociedade e isto ocorreu também no meio literário; daí o surgimento dos grupos de “escritores católicos”. A adoção do catolicismo e o engajamento religioso levaram autores a transformarem suas inquietudes em temática literária (2009, p. 32).

Enquanto Lignani, em seu artigo com foco em Georges Bernanos, explica que o autor experimenta “uma curva católica e espiritualista, da qual não apenas sofre influências, mas à qual também contribui em grande parte com a sua consolidação” (2020, p. 239), e ainda complementa o pensamento de Porto:

A modernidade, nesse sentido, é o que faz emergir uma neocrisandade no início do século XX, à qual muitos escritores, distantes da igreja dogmática, mas engajados nos tópicos espirituais, debruçaram-se (*Ibidem*, p. 238).

Dentro desse contexto de reflexão através da escrita fictícia, temos o autor Georges Bernanos que estreou sua escrita tardiamente, em 1926, com o romance *Sous le Soleil de Satan*, obra que levou temas teológicos sobre a fé, o sofrimento e o “existencialismo cristão” (*Ibidem*, p. 248), características do já mencionado Romance Católico, para a pauta de debates entre intelectuais da época.

A expressão Romance Católico, não significa necessariamente uma escrita dogmática e militante ou que suas obras possam ser consideradas a expressão de um pensamento cristão (LIGNANI, 2020), até porque Bernanos, um dos representantes dessa expressão, escreve “sem ilustrar nem defender uma causa católica, ele descreve uma vida cristã em toda sua profundidade, evidenciando até suas contradições (PORTO, 2009, p. 34). Bernanos “recusa a etiqueta de escritor católico por preferir a de católico escritor” (*Ibidem*). Ele deixa claro que não escreve na intenção de sustentar ou ressignificar a teologia católica por meio de sua ficção, mas, por acaso, suas histórias carregam as marcas de quem vivencia o existencialismo cristão em sua perspectiva e maneira de ver o mundo. Ele é um católico, enquanto substantivo masculino, autor, enquanto adjetivo, e não o contrário. Um católico que por acaso escreve e não um escritor que por acaso segue a doutrina católica. O que coloca em maior ênfase a importância de sua religião para a sua profissão e indica o quão central ela será em suas obras.

Bernanos tem um pensamento crítico acerca da desconstrução do ser causada pela modernidade. Para ele “os acontecimentos que marcam passagem do século XVIII para o século XIX (...) transformaram o homem, que já foi um ‘animal religioso’, em um ‘animal econômico’” (LIGNANI, 2020, p. 240). Essa massificação doutrinal do ser humano o fez perder uma de suas características divinas mais importantes e necessárias para a santificação da alma, que é a liberdade. Pois “A perda da individualização do homem no mundo moderno resulta, segundo o autor, na perda da alma. O homem moderno, sob essa concepção, é um homem sem alma, sem motivo e sem desejo” (*Ibidem*, p. 242). Como contrapartida a essa perda espiritual, Bernanos desenvolverá temas que fortaleçam um homem mais religioso.

Para se libertar dessa amarra que a modernidade causou ao homem, Bernanos acreditava que “a revolução só seria possível pela fé religiosa no homem” (*Ibidem*). Então, essa reflexão a respeito da metafísica, da razão da existência humana e o desejo por procurar a realização plena da vida levou seus pensamentos, e o desenvolver de seus personagens, para o campo da batalha espiritual contra a carnalidade do mundo moderno, tornando suas obras um conjunto de pensamentos que busca desvendar a santidade, caminho único para real liberdade do homem.

Os santos, como todos os homens, conhecem as dificuldades da vida e parece que frequentemente eles sofrem até mesmo mais que o homem médio. No entanto, sua santidade não se encontra nos seus sofrimentos, mas em sua atitude em relação a esses sofrimentos, na sua aceitação dessas dores da vida (BUSH, 1962, p. 15 *apud* LIGNANI, 2020, p. 247).

A santidade é a quebra de qualquer meio de alienação que possa envolver o homem. “O homem deve ser livre e por isso Bernanos ataca violentamente tudo o que possa impedir essa liberdade (...) o cristão é um homem livre” (SCHUMANN, 1961, p. 70). Bernanos prega um pensamento pessimista em sua visão da realidade do ser, em que mostra que essa liberdade vem apenas de duas maneiras e nada além disso, a depender da escolha de cada um, fruto das ideias de seu pensamento maniqueísta, entre o bem e o mal. Ou a liberdade é manifestada através da graça ou através da morte.

Por meio dessa visão, Bernanos trabalha em seus escritos a unificação dessas ideias para encontrar um sentido para a vida. Uma vida que não alcança a graça ao seu fim está condenada, não apenas a uma morte física, a qual não há escapatória, mas a uma morte eterna. Para o autor, a ideia cristã de que o objetivo final da vida é a morte causava-lhe medo, enclausurava-o:

‘Tenho medo da morte e infelizmente (talvez o meu anjo da guarda diga: felizmente) penso constantemente nela’ (...) O problema agora passa a ser o seguinte: como livrar-se desse medo. Bernanos julga encontrar uma solução, resolvendo viver e morrer totalmente para Deus: ‘Assim não preciso mais temer essa horrenda morte’ (*Ibidem*).

Na tentativa de desmistificar o homem que se dedica a Deus e de concretizar o que seria o caminho da graça e da salvação, ou seja, da santidade, Bernanos escreveu seu primeiro romance, no qual descreve os sofrimentos e batalhas do ser que tem diante de si o bem e o mal, a graça e a morte, Deus e Satã e, assim, o autor tenta descobrir o que nos leva a tomar cada caminho.

### Onde está o Sol e quem é Satã?

Com o intuito de descrever as dificuldades da vida cristã em seus combates metafísicos e suas profundezas psicológicas, Georges Bernanos debruçou-se em sua obra-mestra *Sous le Soleil de Satan*, um romance considerado pelo redator chefe da *Nouvelles Littéraires*, Frédéric Lefèvre, como a maior descoberta de sua carreira (JURT, 2008). O autor dividiu-o em três partes, quase que em forma de três livros: *A História de Mouchette*, prólogo; *A Tentação do Desespero*, a primeira parte; e *O Santo de Lumbres*, a segunda parte.

A respeito dessa divisão, o próprio livro, em sua primeira edição brasileira do ano de 2010, traduzida pela editora *É Realizações*, carrega em seu prefácio a crítica do francês Sébastien Lapaque, em que diz: “A partir de uma perspectiva estritamente formal, pode-se, aliás, argumentar que é um romance mal construído, com três partes unidas umas às outras de forma estranha e com longas digressões que desequilibram a narração”. (BERNANOS, 2010, p. 8)

No entanto, a perspectiva de Lapaque não condiz com a percepção causada pela divisão da obra. Nela, Bernanos consegue transmitir a ideia de que o combate está sempre presente na vida de qualquer um, seja antes de seu momento de autoconhecimento, ápice da história, demonstrada pelo prólogo, com a história de Mouchette, seja depois, demonstrado pela segunda parte em que o protagonista Donissan está teoricamente consagrado à santidade.

Dentre os personagens apresentados destacam-se os dois citados acima, Mouchette e Donissan. O autor nos mostra desde as escolhas de seus nomes que traz uma história carregada de simbolismos. O nome de Mouchette reflete o que ela faz da vida. A palavra *mouchette* em francês é um objeto antigo que tem o formato de uma tesoura usada para cortar a parte consumida pelo fogo da vela. Entende-se, então, sua redução a uma amante usada como um objeto que acaba com fogo dos homens que a consomem. Ainda mais que “Mouchette! (era seu nome de amor)” (*ibidem*, p. 34) e quando ela não quer mais ser vista de maneira reduzida dispara “Proíbo-o que me chame Mouchette, Mouchette não!” (*ibidem*, p. 54). O nome de Donissan foi elaborado do espanhol *don* e *san*, “dom e santo”. Enquanto -san está evidentemente relacionado a um dos temas dominantes do romance, a santidade do cura de Lumbres, a primeira parte -don está relacionado aos clero (BAUDELLE, 2008).

## Donissan

O núcleo de seu livro é a primeira parte: *A Tentação do Desespero*. Nela há todo o desenvolvimento do protagonista, Padre Donissan, já adiantado muitas vezes pelo narrador ser “o homem que depois seria o cura de Lumbres” (BERNANOS, 2010, p. 93), anunciando seu potencial a santidade ao fazer um paralelo com o “cura de Ars” (*ibidem*, p. 213), sua personalidade, seu relacionamento com os demais nomes do clero, com quem convive diretamente, e a maneira na qual lida com sua função presbiteral.

Logo no primeiro capítulo da primeira parte, temos reflexões que irão influenciar na visão do leitor a respeito de todo o livro, inclusive, do prólogo. É abordado como as opiniões alheias refletem, de forma inconsciente, porém, diretamente, no destino tomado pelos personagens. Temos, então, as características de Donissan sendo questionadas por outros dois padres, Jacques Demange e Menous-Segrais, enquanto leem uma carta escrita pelo monsenhor Papouin, que anteriormente esteve em presença desse curioso sacerdote:

É homem cheio de qualidades, mas estragadas por uma violência e uma casmurrice singulares, sem educação nem boas maneiras, de um grande fervor mais exagerado que sábio e resumindo tudo: ainda muito grosseirão (*ibidem*, p. 87)

Somos levados, em seguida, às conclusões pragmáticas: “O homenzinho corresponde às informações que lhe foram fornecidas?”, “O homenzinho é pior (...) mil vezes pior!” (*Ibidem*). Ou seja, notamos que suas conjecturas já estavam formadas de maneira negativa pela escolha do léxico “homenzinho” para se referir ao padre em questão. No original em francês é usado o termo “*bonhomme*”, que pode ser interpretado em alguns casos também de maneira negativa, usado para se referir a uma pessoa sem grande respeito por ser considerada inferior (BONHOMME, 2023). Portanto, observa-se a descrição responsiva:

Um bruto latagão, de ingênua boa vontade, **mais incômodo ainda por tentar ser discreto** ao esconder as mãos vermelhas, pousando cautelosamente as patas ou abrandando uma voz muito boa para tanger cavalos e bois... Creia que não nos dá nenhuma boa impressão; a governante está cansada de tirar as nódoas ou de **remendar uma de suas batinas**, justamente a que tem ainda um aspecto mais decente... De educação, nem sombra. De ciência, nada mais que o necessário para passavelmente ler o breviário. É possível que ele diga sua missa com devoção louvável, mas tão lentamente, com uma aplicação tão sem jeito que eu suo em minha cadeira, onde faz frio dos diabos! À simples ideia de ter de enfrentar do púlpito **um público escolhido como o nosso**, ele se mostrou tão infeliz que não ousei mais constrangê-lo a isso, o que implica maior sobrecarga para a minha pobre garganta. Que dizer-lhe mais se o seu maior prazer é vagar pelos caminhos enlameados todo santo dia, como um andarilho, **ajudando os**





UnB

**carreiros**, convictos de estar ensinando a esses senhores uma linguagem menos desrespeitosa à majestade divina; mas o odor que ele transporta dos estábulos afugenta os fiéis... Enfim, não pude ensinar-lhe ainda a perder com resignação **uma partida de tric-trac**. Às nove horas já está bêbado de sono e nesse ponto **fico sem companhia e sem nenhum passatempo**... que acha? Não é bastante? (BERNANOS, 2010, p. 88, grifo nosso)

Aqui, Bernanos nos deixa clara sua crítica à “burguesia clerical”. Quando vemos que os argumentos usados para criticar Donissan não se encontram em teor pejorativo social, mas sim por ter presente nele um excesso de simplicidade e um provável desinteresse por aquilo que é considerado destinado à nobreza, na qual se encontra centrada a visão de Igreja do deão de Campagne. As características de humildade não são benquistas aos olhos desses representantes do clero por se contrapor a uma visão de seus deveres como sacerdotes católicos. O personagem, então, contrasta com a mediocridade de mais de um membro do meio eclesiástico que o rodeia (TOUZÉ, 2008). Sua crítica ao clero é marcada do começo ao fim do livro.

Os padres não querem ouvir o grito da miséria universal! Não confessam senão os funcionários de suas sacristias! Jamais se lhe depara, face a face, um rosto transtornado! Nunca veem levantar-se para eles um desses olhares inesquecíveis, cheios de ódio de Deus, ao qual nada mais se tem que dar, nada! O avarento roído por seu câncer, o luxurioso de carne podre como um defunto, o ambicioso obcecado, o invejoso que não sossega. Que padre não chorou algum dia de sua incapacidade diante do ministério do sofrimento humano, de Deus ultrajado no homem, seu refúgio!... Os padres não querem ver... não querem ver! (BERNANOS, 2010, p. 250)

Seus companheiros de profissão não veem as atitudes de Donissan como humildes, mas apenas como desprovidas dos requintes necessários, ao ponto de não ser digno ao público de paroquianos selecionados que frequentam os sermões dominicais. O fato do Santo de Lumbres tentar ser discreto, possuir vestimentas simples e ajudar carreiros desconstrói a imagem de sacerdotes costumeiramente vivenciadas por quem o critica.

Os personagens desse diálogo demonstram ter uma visão de uma Igreja ainda pertencente ao tempo medieval, na qual os seus representantes, “eleitos por Deus”, são tratados ao nível da corte e são detentores centrais dos saberes divinos e da inteligência dada única e exclusivamente a eles como dom e cujos papéis são limitados à transmissão dos ensinamentos doutrinários e da educação cristã, tanto que às nove horas ainda estão plenos de energia a ser descontada em seus passatempos.

Ao longo dos primeiros parágrafos já nos é referenciado a maneira requintada a qual os padres estão acostumados. Como sutilmente ao narrar o conforto em que se encontra o Padre Manou-Segrais que “frioento, puxou a colcha sobre os joelhos e de onde estava estendeu as mãos para o fogão” (*ibidem*, p. 83) e “Voltando a cabeça a custo, entre as almofadas, para a grande peça já cheia de sombra, e mostrando com um olhar os móveis queridos” (*ibidem*, p. 84). E por móveis queridos completa-se com a descrição com sua preocupação com a presença do Cura de Lumbres em sua casa requintada:

Com sua sem-cerimônia, ele enlameou meu pobre velho Smyrna e quase quebrou os pés da cadeira em que se sentou, e essa cadeira era a mais preciosa e a mais delicada (...) Deus sabe, contudo, que preocupação me deu no decorrer de uma semana, com meus bibelôs, tão bobamente queridos, esse grande palerma de sotaine (*ibidem*, p. 84).

Notamos também quando padre Demange relembra as características de seu contemporâneo na época de seminário: “De todos esses senhores, o senhor é o mais guloso no refeitório e também o que melhor se veste!” (*ibidem*, p. 84). Ainda temos sua descrição como “Herdeiro de uma grande fortuna” (*ibidem*, p. 85).

Já podemos concluir, em apenas poucas páginas desta primeira parte, que o futuro santo, chamado como “um pobre homem simples” (*ibidem*, p. 91), é desprovido de qualquer pensamento clericalista, o que ameaça seus colegas de vocação oriundos de uma cultura não missionária, evangelizadores acomodados que se veem obrigados ao movimento com sua presença. Como descreve seu pároco:

Eu, por exemplo, levava uma vida tranquila, ou melhor, encerrava-a docemente. Mal esse estafermo veio parar aqui, tudo ficou transtornado e já não tenho mais sossego... A simples presença dele me força a incômodas atitudes. Ser empurrado a uma empreitada dessas, quando o sangue corre tão lento e tão frio, é uma grande e forte provação. (*ibidem*, p. 89)

Bernanos demonstra a verdadeira e santa humildade do vigário, não somente ao descrever suas ações, mas também sua visão a respeito de si mesmo e sua presença, quando diz: “proferiu atrás uma voz baixa e forte” (*ibidem*, p. 93) e quando detalha: “sua silhueta prolongada pela sombra, pareceu primeiro imensa, depois bruscamente, quando se fechou a porta, pequena, quase mesquinha. Os sapatos grosseiros (que o homem tentara limpar às pressas)” (*ibidem*, p. 93). O contraste de léxicos, baixa e forte, prolongada e mesquinha, imensa e pequena, mostra como o

padre tinha a possibilidade de se fazer grande, mas se faz pequeno, tem a oportunidade de usufruir de seu “status espiritual”, mas se faz respeitoso diante de seus companheiros e superiores.

No entanto, essas atitudes mal interpretadas irão despertar em seu pároco a necessidade desnecessária de colocá-lo em “presença” da misericórdia divina por meio da humilhação. Demange questiona “Por que vexá-lo? Para quê?” (*ibidem*, p. 92), que em francês na verdade ele diz: “*Pourquoi l’humilier?*” (BERNANOS, 1982, p. 100), e recebe a resposta:

Gosto de confrontar (...) Gosto de vê-los frente a frente. Ponho nisso, provavelmente, um pouco de malícia. Mas pode ser a última vez; demais, há dentro dessa malícia um sentimento muito vivo e muito puro, que lhe devo, da misericórdia de Deus, de sua divina doçura (BERNANOS, 2010, p. 92).

Assim, temos, de forma indireta, o motivo do nome da primeira parte, *A Tentação do Desespero*. Através desta falsa vontade de ajudar o seu igual a se aproximar da misericórdia de Deus, usando a humilhação como ferramenta para a humildade imaginada, será inculcado em Donissan sentimentos que começamos a vislumbrar na descrição em que ele percebe o teor da conversa sobre ele: “tomou de repente uma tal expressão de tristeza, de humildade tão pungente, que o rosto grosseiro se iluminou de repente de candidez extrema” (*ibidem*, p. 93).

Tendo, apenas no primeiro capítulo, arquitetado todo o intuito da primeira parte, acompanhamos todo o desenrolar de Donissan nos capítulos seguintes. O narrador nos demonstra a grandiosidade de um homem “extraordinário, que a desconfiança e a pusilanimidade de seus superiores tinham durante anos tolhido numa invisível rede” (*ibidem*, p. 104-105), que a todo momento foi humilhado e rebaixado por Menou-Segrais: “Deus e seu bispo, meu filho, lhe deram um mestre: esse mestre sou eu” (*ibidem*, p. 97).

Sua humildade reconhecia seus limites que por tanto foram jogados em sua cara:

Não sou somente um padre ignorante, grosseiro, incapaz de despertar simpatias. No pequeno seminário, sempre fui um aluno medíocre. No grande seminário, aí de mim, reconheço que a todos causei aborrecimentos. Foi preciso um milagre de caridade de padre Delange para convencer os diretores de me admitirem no diaconato. Inteligência, memória, assiduidade mesmo, tudo me falta... e contudo... (...) E, contudo, não pude vencer minha obstinação... minha teimosia... O justo desprezo dos outros desperta em mim... sentimentos tão ásperos... tão violentos... Não posso, na verdade, combatê-los com os meios comuns... (*ibidem*, p. 99)

Bernanos deixa claro não defender ou acreditar no maniqueísmo simples e puro. Ao longo do livro vemos o combate entre o bem e o mal, no entanto, seus personagens são carregados apenas de protagonismo e antagonismo. Menou-Segrais, que defendo como o desencadeador do surgimento de Satã nessa primeira parte, carrega também falas que não são a representação desse antagonismo, mas a demonstração de bondade pelo protagonista. Percebe-se isso nos trechos: “Menou-Segrais afastavam-nas docemente, descobrindo-lhe a face, com um gesto quase maternal” e “Meu filho, meu pobre filho, Nosso Senhor não o esqueceu” (*ibidem*, p. 102). Ou ainda em seus curtos momentos em que louva Donissan: “é você, Donissan, quem me forma” e “sou eu quem precisa de você” (*ibidem*, p. 103), por mais que aparente ser um falso reconhecimento. A única dicotomia que demonstra o maniqueísmo na obra de Bernanos é entre Deus e Satã, no entanto, dentro de cada personagem há algo de admirável, assim como há algo de reprovável.

Menou-Segrais não entende muito ao certo o que o faz desgostar de Donissan: “o comportamento de meu discípulo é perfeito, irrepreensível (...) Seu exterior é de um santo, mas há alguma coisa nele que nos repele de si... que será? Certamente é a alegria que lhe falta...” (*ibidem*, p. 111-112). Há algo em Donissan que sempre o faz desconfiar dele, e esse algo é a santidade. O deão não entende como Donissan leva uma vida de santidade porque ele mesmo não sabe o significado da alegria cristã, o que Donissan já conhece.

No entanto, Donissan, por seu tremendo contato com a santidade entende que um santo nunca está triste, como diz na Epístola de São Tiago: “Meus irmãos, tende por motivo de grande alegria o serdes submetidos a múltiplas provações, pois sabeis que a vossa fé, bem provada, leva à perseverança” (Tg 1,2) e também sendo um assunto tão discutido por São Paulo ao longo de suas cartas, pregando a “loucura da cruz” em que ele diz que o significado da alegria do cristão, não é o mesmo que a alegria do pagão e que, pois a alegria na verdade é sofrer em nome de Cristo. “Com efeito, a linguagem da cruz é loucura para aqueles que se perdem, mas para aqueles que se salvam, para nós, é poder de Deus” (1Cor 1,18). Donissan reconhece em seus sofrimentos a oportunidade da santidade e as acolhe de maneira humilde, o que para os olhos de quem não está voltado para a cruz é um absurdo, pois quem em sã consciência aceita tranquilamente o que o causa sofrimento? Apenas o cristão, que procura ser o outro Cristo crucificado e ressuscitado.

Isso nos explica muito bem o Vocabulário de Teologia Bíblica de Léon-Dufour a respeito da Alegria que “esta alegria pertence somente à fé provada. Para estar alegre no momento da revelação da glória de Cristo, é necessário que o discípulo se rejubile na medida em que participa dos seus sofrimentos” (LÉON-DUFOUR, 1987, p.26). Bernanos transmite em seu romance sua reflexão do que um cristão precisa fazer para buscar a santidade e que apenas através dele alcança-se a graça, que se representa como alegria plena.

Bernanos deixa evidente que, apesar de suas descrições intermináveis a respeito das inquietudes do personagem ele é feliz: “Ora, padre Donissan conhecia a alegria. Não a alegria, furtiva, instável, ora em abundância, ora em carência, porém outra alegria mais segura, profunda, igual, incessante e, por assim dizer, inexorável, semelhante à outra vida na vida, à dilatação de uma nova vida” (BERNANOS, 2010, p. 112). A alegria dentro do sofrimento que é o caminho da santidade, reconhecido por Donissan, Menou-Segrais não consegue reconhecer por não a saber como é.

Depois, debatia-se como um cego contra uma nova tentação perigosa. E essa angústia era a de não poder identificá-la. A santidade! Em sua sublime ingenuidade, tinha aceitado ser arrastado de um salto da última à primeira fila dos eleitos: não se esquivava (*ibidem*, p. 113).

Donissan, o Santo de Lumbres, abraça sua angústia, sua “humilde angústia” (*ibidem*, p. 118), pois ele reconhece que nela, alcançará o sofrimento purificador.

### **Mouchette**

Para dar uma verdadeira visão da dificuldade que é a luta contra o demônio para a conquista da santidade, mostrando que a tentação é uma luta constante e necessária a ser traçada desde o berço, Bernanos apresenta um prólogo que carrega o mesmo peso das duas partes do livro, que poderia ser considerada a “Parte I” do livro, mas sendo prólogo ganha uma maior ênfase em seu papel de “causa” das consequências. Nela vemos a história da personagem que aparece ao final da primeira parte, mas que lá ela não tem seu passado desenvolvido. Aqui somos preparados a saber quem é e porque ela não conseguiu sobreviver ao desespero.

Mouchette vem de uma família em que a mentira está sempre presente. Vamos descobrindo que a moralidade não é o foco de sua vida ao descobrir que, com apenas 16 anos, encontra-se grávida de um de seus amantes. Apesar de sermos apresentados a uma vida envolta em luxúria e com falas que flertam com pecados mortais, como o aborto:

Não darei à luz nem em três meses nem em seis, nem nunca mais (...) Não sou tão besta! Sei como isso é fácil para vocês. Um, dois, três, zás e a coisa está fora... ventre vazio, sem nada (*ibidem*, p. 64).

Na obra de Bernanos, o demônio não incita grandes pecados como o da luxúria, gula ou ganância; ele é representado como lógico e sutil e está voltado para os pecados contra a mente para induzir suas vítimas (JURT, 2008) como é caso de Mouchette que definha aos poucos na corrupção moral: “Quando eu era pequena, mentia muitas vezes sem prazer. Agora a mentira é mais forte que eu” (BERNANOS, 2010, p. 68). Para ela “a mentira era seu maior gozo” (*ibidem*, p. 62). Isso porque sempre que seguia o caminho da verdade não encontrava um fim esperado, não era creditada. Via que as mentiras de seu pai levavam aos resultados pretendidos e descreditava sua verdade.

A pérfida Mouchette sentia-se com força de arranjar mentiras até o dia seguinte. Cada mentira era uma nova delícia que lhe passava nos lábios como uma carícia; nesta noite, mentiria, mesmo debaixo de injúrias, de pancadas, mesmo com risco da própria vida, mentiria por mentir. (*ibidem*, p. 48)

Por fim, na terceira parte do romance, *O Santo de Lumbres*, Bernanos nos apresenta a contínua batalha pela santidade, que perpassa pelo começo de uma história, apresenta-se de forma mais aguda na Noite Escura da Alma, mas que perpetua até o momento da morte, “Não há paz nesta vida, digo-lhe eu, nenhuma paz e nenhum instante de verdadeiro silêncio. Este mundo podre se desfaz como uma fumaça ou uma emanção” (*ibidem*, p. 247). A essa terceira parte, Bernanos poderia ter nomeado de epílogo, para dividir com o prólogo a ênfase, não de “causa”, mas de “consequência” das escolhas. No entanto, ele nos mostra que a santidade alcançada por Donissan não representa o fim, mas sim o desenrolar da história, pois essa santidade foi construída desde o momento em que ele apareceu pela primeira vez e poderia ser destruída até o momento de sua morte.

## O sentimento de culpa no catolicismo e sua consequência nos personagens

Tendo Bernanos criado o que Edmond Jaloux considerou como o primeiro romance escrito sobre a santidade (JURT, 2008), trazendo em sua escrita as dificuldades, sofrimentos e angústias de um cristão, e também de pessoas não cristãs, pois o sofrimento está aquém da natureza religiosa do ser humano, é perceptível os questionamentos e as reflexões propostas pela obra sobre: i) de onde vem a angústia? ii) de que forma ela se concretiza na realidade dos personagens? iii) por que eles lidam com esse sentimento de maneira diferente?

A angústia é um sentimento proveniente do sofrimento, ela é a agonia oriunda do tormento espiritual e psíquico. No livro, há dois personagens que continuamente são retratados em agonia. Um dos personagens, o padre Donissan, passa constantemente por uma “crise moral” (BERNANOS, 2010, p. 105), na qual era arrastado por um imenso sofrimento ao se ver tão pequeno diante da sua vocação, primeiro à santidade, e em subsequência ao presbiterado. “Sofreu muito tempo a tortura de não poder exprimir o que sentia, do mais irrisório desazo” (*ibidem*, p. 108). Sua angústia era por não se reconhecer, ou vislumbrar, como santo. Para ele, seu chamado à santidade, assim como seu chamado ao presbiterado, exigia, de forma impositiva, sua perfeição. O sentimento de fracasso por não alcançar esse suposto ideal gerava nele o sentimento de culpa, origem de sua angústia.

Com a jovem Germana, o sentimento de angústia tem a mesma origem no sentimento de culpa, mas gerado de uma maneira dissemelhante. Desde o momento em que Donissan e Mouchette se encontram, ele é capaz de ouvir que “mais alto que qualquer voz humana bramava junto a ele a dor sem esperança que a consumia” (*ibidem*, p. 170). Essa dor que ela carregava consigo era culpa de ter matado um homem, aquele que ela amava.

A culpa carrega inúmeras vertentes e maneiras de se manifestar. Existe o sentimento de culpa e existe o ser culpado. O “sentimento é associado ao ato de errar, ao descontentamento interior por não ter agido conforme o esperado” (OLIVEIRA; CASTRO, 2009, p. 253). Já o ser culpado é a “violação de uma regra de conduta, de que resulta lesão do direito alheio, provocando no indivíduo um estado ou qualidade de culpado” (AURÉLIO, 1991, p. 590 *apud* OLIVEIRA; CASTRO, 2009, p. 253). Ambos abarcam a noção de culpa que

se refere a uma compreensão de se ter violado um princípio ético ou moral, estando combinada com um sentimento de depreciação pessoal decorrente deste ato (OLIVEIRA; CASTRO, 2009, p. 254).

No caso do padre Donissan há o sentimento de culpa que traz sempre uma “terrível angústia, sempre adiante, esperando-o em cada marco” (BERNANOS, 2010, p. 231), que ressoa em inúmeros momentos como um sentimento de autodepreciação. Enquanto Mouchette é verdadeiramente culpada, ela compreende que violou um princípio ético e moral. No entanto, seu sentimento de culpa não reflete de sua moralidade.

Donissan carrega esse sentimento de sua origem religiosa, por ele ser um fiel católico e necessitar cumprir em perfeição o que lhe foi incumbido. Ao longo de sua história, não encontramos nenhum traço de pecado ou imoralidade, mas “mesmo quando a pessoa não fez realmente uma coisa má, mas apenas identificou em si a intenção de fazê-la ela pode encarar-se como culpada” (FREUD, 1976, p. 128 *apud* OLIVEIRA; CASTRO, 2009, p. 257).

Existem alguns pensadores e filósofos que sustentam a ideia de que a pedagogia do catolicismo é baseada no sentimento de culpa e punição. Vemos esse pensamento com o filósofo Friedrich Nietzsche:

a ideia da culpa aparece em relação ao Deus cristão: ‘o advento do Deus cristão, o deus máximo até agora alcançado, trouxe também ao mundo o máximo de sentimento de culpa (NIETZSCHE, 1987, p. 79 *apud* OLIVEIRA; CASTRO, 2009, p. 255)

E com o filósofo Voltaire, que encontra na ideia de divindade punitiva o viés de controle moral de uma sociedade:

Que outro freio podia, pois, ser posto a cupidez, às transgressões secretas e impunes, além da ideia de um senhor eterno que nos vê e que julgará até mesmo nossos pensamentos mais íntimos? (VOLTAIRE, 2000, p. 5 *apud* OLIVEIRA; CASTRO, 2009, p. 255)

Para Cambi (1999), a ideia de um Deus com uma pedagogia punitiva nasceu na religião hebraica, berço do catolicismo, que estava ligada a um Deus inominável, “Eu sou aquele que é” (Ex 3,14) cuja aparência não deveria ser vista por ninguém, “Não poderás ver a minha face, porque o homem não pode ver-me e continuar vivendo” (Ex 33,20), que faz uma aliança com o povo de Israel e assiste à sua história e, para o pôr à prova, impõe-lhe sofrimentos.



Esse sentimento se reafirma, então, ao longo do Antigo Testamento pelos escolhidos por Deus, pelos profetas e pelos juízes, que fazem não apenas o papel de propagadores da doutrina, mas os de intermediários: “Vós cometestes um pecado grave. Todavia, vou subir a Iahweh para tratar de expiar o vosso pecado” (Ex 32,30). No Novo Testamento pelos Apóstolos que tem entre seus anúncios discursos como: “Se alguém destrói o templo de Deus, Deus o destruirá” (1Cor 3,17).

Partindo da ideia de que Donissan cresceu em um ambiente em que se encontra em constante conflito consigo mesmo para cumprir com o conceito de exigência ideal para um membro do clero, justificamos com a teoria de Freud a qual diz que “o sentimento de culpa se expressa como uma necessidade de punição” (FREUD, 1976 *apud* OLIVEIRA; CASTRO, 2009, p. 254), o motivo de Donissan ser extremamente severo ao se colocar no suplício.

Ao longo do livro acompanhamos os combates metafísicos de Donissan, que são combates que vão além do psicológico e emocional e chegando, até mesmo, a duras penitências:

Desde as axilas até os rins, o tronco estava envolvido por um colete áspero de crina, grosseiramente tecido. A estreita faixa que mantinha esse cruciante envoltório estava tão apertada que Menou-Segrais teve grande trabalho para desamarrá-la. A pele apareceu então queimada pelo intolerável atrito do cilício, como sob a corrosão de um cáustico; a epiderme destruída em alguns lugares, levantada em enormes empolas, formava uma só chaga de onde escorria abundante secreção sanguinolenta. Assim, a ignóbil crina martirizante estava toda embebida de sânie. Porém, de uma ferida mais profunda, no flanco, um sangue vermelho corria gota a gota. O infeliz havia tentado estancá-la, comprimindo-a o melhor que pôde, com um tampão de cânhamo: Menou-Segrais retirou o obstáculo, notou que tinha os dedos ensanguentados. (BERNANOS, 2010, p. 101-102)

Donissan luta com o perfeccionismo moralista para provar, para si mesmo, que é capaz de cumprir a missão a qual Deus lhe incumbiu:

Em algumas semanas o esforço dessa vontade, que de ora em diante nada teria mais, começou a libertar-se até atingir a inteligência das coisas. O jovem padre consumia suas noites a devorar livros, outrora fechados com desespero e que agora penetrava, não sem custo, mas com uma tenacidade que surpreendia Manou-Segrais, como um milagre. Então adquiriu esse profundo conhecimento dos Livros Santos que não enriqueciam antes sua linguagem, voluntariamente simples e familiar, mas que alimentava seu pensamento. Vinte anos mais tarde, gracejando, diria a monsenhor Leredu: “Dormi, este ano, setecentas e trinta horas...” (...) “duas horas por noite” (*ibidem*, p. 105)

Donissan é um personagem apresentado como um membro dessa Igreja, sendo padre, ele está em seu núcleo. Ele carrega consigo esse discurso da pedagogia da culpa, mas o seu ser

cristão está ciente também do principal diálogo proposto pela Igreja, o do Deus misericordioso. É dessa forma que ele representa sua Igreja para quem “não conhece a divina misericórdia nem poderia mesmo imaginá-la” (*ibidem*, p. 189). Bernanos aborda em seu livro o contraste entre uma verdadeira Igreja, que é representada pelo “Santo de Lumbres” – voltada para a misericórdia de Deus, desvinculada do clericalismo e que se coloca a serviço dos fiéis leigos – e a Igreja reflexo do Clero da Idade Média, no livro representado por seu pároco Menous-Segrais. Donissan, em seu conflito interior, reflete esse contraste de uma Igreja que passa por um período de transição.

Mouchette, por sua vez, tem uma culpa relacionada com uma carência. No começo de sua história nos é narrado: “Pela primeira vez começou a sentir certa angústia, (...) diante da solidão que vinha” (*ibidem*, p. 31). Ela que se relacionava com dois amantes, tinha em seus relacionamentos sua liberdade de uma família desequilibrada – “Todos gente da mesma cuia, gente que sabe tirar o maior proveito de um saco de trigo, amante dos grandes negócios e da vida farta” (*ibidem*, p. 13) –, tem seu sentimento de angústia exposto apenas quando se vê só.

Com dezesseis anos, Germana sabia amar (não sonhar com o amor, que é só um passatempo mundano). Germana sabia amar, isto é, alimentava em si, como um belo fruto amadurecido, a curiosidade do prazer e do risco (*ibidem*, p. 23).

Ela, apesar de culpada, só foi capaz reconhecer este sentimento quando se viu sem a pessoa que amava. “Mil vezes mais belo é aquele de quem somos a fome e a sede de cada dia” (*ibidem*, p. 63). Mouchette vai atrás de Gallet, médico e deputado, seu outro amante, para recuperar a segurança de se ter alguém no mundo. “Ama-me?” (*ibidem*, p. 57), pergunta ela ao deputado enquanto chora, desesperada para sentir-se amada.

Para Freud o sentimento de culpa está ligado às configurações dos vínculos afetivos “uma ameaça de infelicidade externa – perda de amor e castigo por parte da autoridade externa – foi permutada por uma permanente infelicidade interna, pela tensão do sentimento de culpa” (1976, p. 131 *apud* OLIVEIRA; CASTRO, 2009, p. 25). Ela que estava preocupada com a perda de amor como punição da probabilidade de ter contado o segredo de seu amante – “Ele deve estar convencido de que o denunciei, gemia ela, não gostará mais de mim!” (BERNANOS, 2010, p. 31) –, foi repreendida – “De quem é a culpa? (...) tudo isso porque uma garota se faz de teimosa” (*ibidem*, p. 36) – e por fim o matou.

Os dois protagonistas, unidos pelo sentimento da culpabilidade, têm uma interação curta ao longo do livro, mas que marca o ápice narrativo da obra. Em seu simples “passeiozinho de três léguas” (*ibidem*, p. 127), Donissan se depara com sua Noite Escura da Alma,<sup>1</sup> um momento involuntário em que o olhar para si é inevitável, em um movimento de se conhecer através de um estado de profundo sofrimento.

Dentro do fundo do silêncio sentiu o coração pulsar desusadamente (...) viu-se de repente moído de cansaço, as pernas travadas e doloridas, os rins quebrados (...) Um sofrimento intenso que se estendia da cabeça aos pés alcançou Donissan (...) depois fechou os olhos. Subitamente até a prostração do sono, uma certa inquietação o invadiu inteiramente (*ibidem*, p. 138-139)

Nessa noite escura Donissan se vê diante de Satã, personificado, “ora à direita, ora à esquerda, diante, atrás” (*ibidem*, p. 141), onipresente. Sendo esse caminho a reflexão de sua própria vida, o padre percebe que o demônio esteve sempre com ele, em suas descrenças, em suas desesperanças:

Eu te enchi de mim, a ti, tabernáculo de Cristo, querido tolo! (...) eu nunca estou ausente. Vocês me trazem em sua carne obscura, a mim, cuja luz foi a essência, no tríplice recesso de suas tripas, eu, Lúcifer... eu que os arrolo, todos. Nenhum de vocês me escapa. Reconheço pelo cheiro qualquer animal do meu rebanho (*ibidem*, p. 148).

O demônio apareceu na forma na qual mais seria capaz de atentar contra o santo de Lumbres, em sua própria aparência, pois no fundo, ele é o verdadeiro tentador de sua própria história. Donissan sempre soube quem ele era, o miserável que ele era, se conhecia tanto que viu face a face o demônio que habitava nele. “O demônio de vosso estranho ritual não é senão vossa própria imagem deformada, pois todo devoto do universo carnal carrega consigo o seu próprio demônio” (*ibidem*, p. 125). Ele vê diante de si o demônio em:

uma semelhança tão perfeita, tão sutil, que poderia comparar não a imagem refletida num espelho, mas ao singular, único e profundo pensamento que cada um alimenta de si mesmo (*ibidem*, p. 154).

O demônio se preocupa com os bons, ele está no coração do homem e não nas tentações que o cercam. Apenas sucumbe às tentações se o coração não estiver voltado para Deus.

---

<sup>1</sup> Cf. Poema Noite Escura da Alma de São João da Cruz.

Entretanto, o demônio está... está no coração do homem só, em seus jejuns e em suas penitências, nos abismos de seus mais profundos êxtases, na calma de seu coração. É ele que envenena as águas lustrais ou arde na cera dos altares, mistura-se ao hálito das virgens, lacera com o cilício e a disciplina, corrompendo todos os caminhos. Ainda está nos lábios que se entreabrem no arremedo da verdade, no êxtase beatífico do justo, povoado de relâmpagos e clarões, até nos braços de Deus ele pode pairar. Dispensa-se de disputar tantos homens à terra, em que se arrastam como animais, esperando que ela os cubra amanhã. Esse rebanho obscuro vai sozinho para seu destino... Na verdade, o ódio do inferno está reservado aos santos (*ibidem*, p. 125-126).

Assim como todos os personagens do livro, rico em profundidade e contradições, Donissan carrega consigo o exagero do moralismo – o demônio que carrega – e a humildade da cristandade – seu futuro sempre anunciado como santo. “Retira-te, Lúcifer!” (*ibidem*, p. 155), diz olhando para sua própria imagem refletida pelo demônio.

Em sua procura por purificação, Donissan se perdeu em meio ao moralismo e ao perfeccionismo como afirma seu confessor: “A oração é uma boa coisa. Não se deve abusar dela, porém” (*ibidem*, p. 129). Segundo J. Daniélou, em certo sentido, o grande obstáculo à graça é o moralismo, porque cria a autossatisfação, a dos fariseus (JURT, 2008). “Dizia também às irmãs do Carmel de Aire: Lembremo-nos de que o demônio sabe tirar partido da prece excessivamente longa, como da mortificação exagerada” (BERNANOS, 2010, p. 131). Por todo momento ele foi reprimido, humilhado, ele se via cada vez menor, mas porque o demônio estava dentro dele lançado pelo outro.

Enquanto na história de Donissan vemos a presença do demônio antes de sua aparição carnal através dos anúncios do desespero, que mostravam o cura sempre à beira da desistência. Duvidava até de suas virtudes. Na história de Mouchette, esta presença é ainda mais visível através das inúmeras mentiras, tema que circunda por todo o prefácio. Sendo o demônio o pai da mentira, não há como não notar sua presença sutil permeando a todo momento a narrativa da obra.

Quando Mouchette se encontra com Donissan, imagem da Igreja, ela é obrigada a entrar na Noite Escura da Alma que é aquele caminho. Para viver a santidade é necessário o autoconhecimento. Mouchette tem dois momentos em que se depara consigo, diante do espelho, ao momento em que vai pegar a espingarda para matar seu amante (cf. *ibidem*, p. 74), mas não esboça nenhuma reação, pois não se conhece, e, novamente, a caminho de seu suicídio, quando se depara com o espelho e vê seu olhar e se assusta com “um pulo para trás, de animal

surpreendido” (*ibidem*, p. 185), pois aí sim, depois de sua passagem pelo caminho tem a visão de quem realmente é.

Mouchette se viu, como nunca se vira, nem mesmo no momento em que lhe espezinharam o orgulho: alguma coisa dobrava-se nela na mais irreparável curvatura, afundando-a numa fuga obscura (...) que dizer da curvatura da própria consciência? (*ibidem*, p. 184).

Antes, “raramente Mouchette se reserva tempo de observar-se com alguma solicitude. Não acha nisso prazer algum” (*ibidem*, p. 186). É por isso que quando a Igreja – cura de Lumbres – a coloca diante dela mesma, se escandaliza e cai no desespero. Todo seu tormento se dá por conhecer-se. Até o momento não carregava o sentimento da culpa exposto, ele está lá, guardado, mas quando o padre traz à tona, ela não é capaz de lidar. Essa é a dor do autoconhecimento. O exemplo de Mouchette mostra que Bernanos não tomou partido pelo conformismo e pela adaptação, mas pelos que se revoltam, pelos que vão até o fim (JURT, 2008).

Ambos os protagonistas têm suas angústias expostas, ambos compartilham da culpa, cada um à sua maneira, ambos passam pelo caminho da Noite Escura da Alma, ambos morrem, no entanto, uma sucumbe tragicamente à tentação do desespero e se suicida, o outro mantém-se forte e falece em meio ao sacramento da confissão. Isso porque Donissan é a representação do Apóstolo Pedro, o primeiro dos sacerdotes, e Mouchette é o símbolo de Judas, o Apóstolo traidor. Dois personagens bíblicos que passaram pela tormenta da culpa.

Pedro carregou o sentimento de culpa pois, pouco depois de ter afirmado “Senhor, estou pronto a ir contigo à prisão e à morte” (Lc 22,33), negou a Jesus, não apenas uma ou duas vezes, mas três vezes antes do canto do galo, deu-se conta de sua traição, e por ter negado “chorou amargamente” (Lc 22,62). No entanto, Pedro se arrependeu, lidou com sua culpa, entrou na humildade, não caiu no desespero e teve a oportunidade de declarar seu amor para Jesus por três vezes – “Senhor, tu sabes tudo; tu sabes que eu te amo” e então recebe o convite “Apascenta minhas ovelhas” (Jo 21, 17). Se tornou a coluna da Igreja Católica e símbolo maior até os dias atuais. Assim, também, carrega Donissan o simbolismo da Igreja no romance.

Em contrapartida, Judas, também Apóstolo de Cristo, é protagonista da maior história de traição. Entregou Jesus, seu Mestre, em troca de apenas algumas moedas de prata, mas que depois “sentiu remorsos” (Mt 27, 3) e, não sabendo lidar com esse sofrimento, se dá à tentação do

desespero e tem sua morte narrada de duas maneiras: “retirou-se e foi enforcar-se” (Mt 27, 5) e “caindo de cabeça para baixo, arrebentou pelo meio, derramando-se todas as suas entranhas. O fato foi tão conhecido de todos os habitantes de Jerusalém que esse terreno foi denominado na língua deles, Hacéldama, isto é, ‘Campo de Sangue’” (At 1,18-19). Assim como ele, Mouchette tem seu fim parecido e narrado de maneira marcante:

apanhou a navalha de onde ele a guardava habitualmente, abriu a lâmina. Voltou ao quarto, e em frente ao espelho, na ponta dos pés, o queixo atirado para trás, o pescoço distendido. Por mais violenta que lhe fosse a fúria de acabar com a vida, não alçou golpe da lâmina, mas comprimiu o afiado gume, conscientemente, contra os músculos, sentindo-o ranger em sua carne. A última sensação consciente foi o jato de sangue morno a escorrer pela mão até a dobra do braço. (BERNANOS, 2010, p. 192)

Bernanos, como católico escritor, utiliza dessa analogia para demonstrar a influência da Igreja em questões metafísicas. Enquanto Donissan, presbítero da Igreja católica, supera a tentação de perder a esperança, de se desesperar, sendo essa a única maneira de ser conquistado pelo demônio. Mouchette, representa toda uma sociedade secular. Ela nem ao menos foi catequisada:

Malorthy, nossa filha necessita de instrução religiosa (...) – Que necessidade ela tem de aprender com um padre, no confessionário, tudo o que não deve saber? Os padres corrompem as consciências das crianças, todo mundo sabe disso (...) Por esse motivo proibira que a filha seguisse o curso de catecismo e que frequentasse mesmo qualquer desses papa-hóstias que levam a discórdia aos melhores lares (*ibidem*, p. 24).

A salvação de Donissan está em toda a construção de sua fé. Apoiar-se sempre na cruz: “Então olha para a cruz” (*ibidem*, p. 125), e depois mais uma vez “Então olha para a cruz” (*ibidem*, p. 126). Ele não precisou acreditar na misericórdia de Deus do dia para a noite, mas foi nutrindo-a ao longo de toda a sua história. Mesmo quando já era considerado um santo vivo, na terceira parte do livro, continuava sendo tentado e convivendo com suas angústias até o fim:

O mal que sem tréguas o perseguiu até o último instante conseguiu quase tudo o que quis contra o miserável padre. Depois de tê-lo induzido a trabalhos fatigantes e absurdos, perfidamente apresentados à sua consciência como um sistema engenhoso de sacrifício e renúncia, despojando-o de todo consolo estranho, resolve combater o homem interior (*ibidem*, p. 135).

Philippe Le Touzé, autor do artigo “La Figure du Prêtre dans Sous le Soleil de Satan” (2008), questiona se, para Donissan, o fato de ter recebido o Sacramento da Ordem e de ter sido



oficialmente mandatado pela Igreja para uma missão sacerdotal em uma paróquia o distingue decisivamente de toda santidade leiga. Donissan não é apenas a representação da Igreja, mas representa qualquer fiel leigo. A escolha de um padre é mais para simbolizar, da maneira mais clara possível, a representação daqueles que pertencem ao corpo da Igreja. O fato dele ser contemplado com um sacramento a mais que os demais fiéis não tira a intenção de Bernanos de colocá-lo como uma referência para as dificuldades da santidade de todos. Assim como o sacerdócio dos presbíteros, existe o sacerdócio dos leigos, que torna cada cristão participante do sacerdócio de Cristo por meio do Batismo.

Para Blanchet, Donissan representa um simples leigo tocado pelo espírito. O que quer que esse padre seja, um leigo poderia ser; qualquer coisa que ele faça, um leigo poderia fazer. Ele ainda especifica que é semelhante a um leigo a quem um chamado especial de Deus ou um zelo feroz lançaria ao ataque do demônio (TOUZÉ, 2008).

Mouchette já estava a tempo demais sem ter ciência da Misericórdia. “Ah! Como o pecado nos devora e deixa à vida pouca substância” (BERNANOS, 2010, p. 177). Ela já não acreditava, mas apenas nutria o desgosto pela vida. “Atingindo-a em seu orgulho, o rude adversário despedaçou-lhe a única mola de sua vida” (*ibidem*, p. 187). A Igreja se tornou sua inimiga quando a colocou face a face com o demônio, não literalmente como com Donissan, mas o que habitava dentro dela, o sentimento de culpa com o qual ela não sabia lidar.

### **Considerações Finais**

Alcançar a santidade é uma luta “cruel”, é se fazer outro Cristo e Jesus foi o inocente crucificado, que passou pelas piores atrocidades do sofrimento. Bernanos conseguiu, em seu livro, demonstrar as duas figuras inseparáveis do sacerdócio de Cristo, o sacerdote e a vítima. Donissan é o sacerdote, aquele que anuncia a Boa-Nova da misericórdia de Cristo para Mouchette e para os demais fiéis em que “ele era força e alegria” (*ibidem*, p. 225) ao mesmo tempo em que sofre como a vítima dos sofrimentos de suas angústias, que o martirizaram, moralmente, e o transformaram em santo.

O cura de Lumbres é diretamente inspirado pelo santo São João Maria Vianney, o padroeiro dos presbíteros. Assim como o santo da vida real, Donissan passava horas atendendo



ao Sacramento da Confissão, assim como o santo de Ars morreu de fadiga, de tanto doar-se pela Igreja, o santo de Lumbres morreu trabalhando por sua Igreja – “Por isso, até à morte, esse homem da cruz levanta a mão, perdoa, absolve, vencido antes do combate da vida” (*ibidem*, p. 274) – e tendo por últimas palavras as mesmas de Cristo na cruz: “*Pater, dimitte illis, non enim sciunt quid facient!*” (*ibidem*, p. 275).<sup>2</sup>

A culpa não faz parte da doutrina católica, mas, como pode-se concluir através do livro, provém do diálogo com o demônio e a não compreensão da Misericórdia de Deus. No entanto ela é propagada e até encorajada por alguns componentes do clero ou, até mesmo, pelos fiéis leigos da Santa Igreja, que, apesar de Santa como instituição Religiosa, carrega consigo o pecado de seus membros, que podem, por vezes, distorcer a doutrina e cultivar crentes mais interessados em sua própria autoimagem do que no reconhecimento de que por meio da miséria do homem, demonstra-se a Misericórdia de Deus.

---

<sup>2</sup> “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”.



### Referências Bibliográficas:

- BAUDELLE, Yves. Sur le nom de Donissan. *Société Roman*, Paris, n. 4, p. 73-80, 2008. Disponível em : <<https://www.cairn.info/revue-roman2050-2008-3-page-73.htm>>. Acesso em: 13 jan. 2023.
- BERNANOS, Georges. **Sous le Soleil de Satan**. Paris : Librairie Plon, 1982.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2011.
- BERNANOS, Georges. **Sob o Sol de Satã**. São Paulo: É Realizações, 2010.
- BONHOMME. *In*: CNRTL, Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales. Disponível em: <<https://www.cnrtl.fr/definition/bonhomme>>. Acesso em: 14 fev. 2023.
- CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- JURT, Joseph. Sous le Soleil de Satan : La Réception Critique. *Société Roman*, Paris, n. 4, p. 45-56, 2008. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-roman2050-2008-3-page-45.htm>>. Acesso em: 29 dez. 2022.
- LÉON-DUFOUR, Xavier. **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- LIGNANI, Cássio Oliveira. Bernanos: Católico e Antimoderno. **Teoliterária**, v. 10, n. 22, Belo Horizonte, 2020.
- MOUNIER, Emmanuel. **L'espoir des déespérés**. Paris: Éditions du Seuil, 1953.
- OLIVEIRA, Adriano Machado; CASTRO, Eduardo Guilherme. Entre Deus, a culpa e o pecado. **Psico**, v. 40, n. 2, p. 253-259, abr./jun., Santa Maria, 2009.
- GARCÍA PEINADO, Miguel A. El juego de luz y sombra em Sous le Soleil de Satan de Bernanos. **Anales de Filología Francesa**, n. 4, p. 31-40, Córdoba, 1992.
- PORTO, Cristina Francisca de Carvalho. A expressão Católica na Literatura Francesa e Brasileira do início do século XX. **Crítica Cultural**, v. 4, n. 1, Santa Catarina, 2009.
- RANNOUX, Catherine. Les effets de voix dans Sous le soleil de Stan de G. Bernanos. **L'information Grammatical**. N. 120, p. 52-56, 2009. Disponível em: <[http://www.persee.fr/doc/igram\\_0222-9838\\_2009\\_num\\_120\\_1\\_4012](http://www.persee.fr/doc/igram_0222-9838_2009_num_120_1_4012)>. Acesso em: 29 dez. 2022.
- SANTOS, Ivanaldo. A Literatura de expressão católica no século XX: a experiência de Morris West. **Teoliterária**, v.7, n. 14, Natal, 2017.
- SHUMANN, Breno. A Morte e a Graça em Georges Bernanos. **Estudos Teológicos**, v. 1, São Leopoldo, p. 69-76, 1961.
- TOUZÉ, Philippe le. La Figure du Prêtre dans Sous le Soleil de Satan. *Société Roman*, Paris, n. 4, p. 63-72, 2008. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-roman2050-2008-3-page-63.htm>>. Acesso em: 29 dez. 2022.